



Associação de Moradores dos Capuchos Setembro 2020

UM PONTO DE ENCONTRO DE GERAÇÕES

No centro da zona residencial dos Capuchos, rodeado de habitações, encontra-se um espaço onde funcionou a antiga escola primária.

O seu encerramento ocorreu há já vários anos. Com o decorrer do tempo, o telhado em amianto do pavilhão foi-se degradando provocando uma situação suscetível de brigar com a saúde de muitos moradores, sobretudo os mais próximos. Para agravar a situação, ninguém cuidava da limpeza do espaço e a vegetação selvagem crescia.

Tendo em atenção o estado de abandono em que todo o espaço se encontrava e a sua localização, bem como a estrutura etária da população residente, a Associação de Moradores dos Capuchos submeteu à apreciação dos seus associados, reunidos em Assembleia Geral, uma proposta para ser remetida à Câmara Municipal de Almada, visando a urgente remoção do telhado em amianto e o adequado aproveitamento de todo o espaço para a **construção de um jardim público que integre um pequeno parque infantil, uma zona com aparelhos para fazer exercícios físicos, alguns bancos e mesas, árvores e relva.**

A concretização desta proposta, envolvendo um pequeno custo, mas tendo um significativo alcance social, permitirá criar as condições para que o local passe a ser um saudável **PONTO DE ENCONTRO DE GERAÇÕES**, reunindo crianças no parque infantil, os seus familiares e outros moradores praticando ginástica, lendo e conversando ou simplesmente descansando.

Esta proposta acabou por ser apreciada em várias Assembleias Gerais e mereceu sempre a aprovação por unanimidade. Várias vezes foi apresentada à Senhora Presidente da CMA, quer através de cartas que lhe enviámos, quer através das várias intervenções do Presidente desta Associação em reuniões públicas da CMA. Até ao momento, não recebemos resposta quanto à aceitação ou rejeição da nossa proposta. Contudo, registamos com agrado que no passado dia 1 de Setembro, se iniciaram os trabalhos que culminaram com a remoção do telhado em amianto e a demolição do correspondente pavilhão. E agora o que se seguirá?

Face ao mencionado, apelamos à Senhora Presidente e Senhores Vereadores da Câmara Municipal de Almada, a nossa Câmara, para que dêem forma à nossa esperança e concretizem a nossa proposta. Os munícipes, moradores dos Capuchos e não só, agradecerão!

José Carlos Rodrigues Nunes

Presidente da Direção

AMC-Associação de Moradores dos Capuchos

NESTE NÚMERO PODE LER:

Almanaque	Pag. 2/4
A Obra Prima do Mestre...	Pag. 5/6
Passageiros	Pag. 7/9
Vacinas	Pag. 10/11
Os Telhados de Amianto	Pag. 12

ALMANAQUE



<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Almanaque/Almanaque.htm>

A revista mensal “Almanaque”, publicada entre outubro de 1959 e maio de 1961, surge por iniciativa de **Joaquim Figueiredo de Magalhães** (1916-2008), responsável pelas edições Ulisseia. A coordenação da equipa de redatores do “Almanaque” cabe ao escritor **José Cardoso Pires** (1925-1998) e dela fizeram parte nomes sonantes das artes e letras portuguesas, como: **Luís de Sttau Monteiro** (1926-1993), escritor e colunista; **Alexandre O’Neill** (1924-1986), poeta e colunista; **Augusto Abelaira** (1926-2003), escritor, tradutor, jornalista e professor e **José Cutileiro** (1934-2020), antropólogo, escritor e diplomata.

A este grupo inicial juntam-se também **Vasco Pulido Valente** (1941), cronista, ensaísta e investigador e **Armando Baptista-Bastos** (1934-2017), jornalista, cronista e escritor. Ao longo dos seus 18 números de existência participaram ainda: **António Senna da Silva** (1926-2001), arquiteto, designer e fotógrafo, **Francisco Lopes Vieira de Almeida** (1888-1962), professor e filósofo; **Fernanda Botelho** (1926-2007), escritora; **José Leitão de Barros** (1896-1967), cineasta, artista, jornalista e professor; **Sophia de Mello Breyner Andresen** (1919-2004), poeta e ativista política; **Alexandre Pinheiro Torres** (1923-1999), escritor, historiador de literatura e crítico literário; **Francisco Keil do Amaral** (1910-1975), arquiteto; **José Sesinando** (1923-1995), escritor, crítico literário, ensaísta e tradutor.

No que diz respeito à parte gráfica, colaboraram ainda: **Sebastião Rodrigues**; **João Abel Manta** (1928), arquiteto, pintor e ilustrador; **Manuel Estêvão Pilo da Silva** (1932), pintor e ilustrador; **Alejandro Corona** e **João Miranda**; **João da Câmara Leme** (1930-1983), **Paulo Guilherme** (1932-2010), **Guilherme Casquilho** (1930), **Luís Filipe de Abreu** (1935) e **João Rodrigues** (1936-1967). Nos trabalhos fotográficos, identificam-se as colaborações com **Eduardo Gageiro** (1935), **Armando Rozário** (1932), **Mário Novais** (1899-1967), **João Martins** (1898-1972) e o escultor **João Cutileiro** (1937).

CAVALINHO, CAVALINHO

Corria o meu cavalinho
quando acordei de repente.
Mas que lindo cavalinho!
Tinha a brancura do linho,
e um olho muito verdinho,
fluorescente.

Corria, corria, corria, corria,
Corria e espinoteava,
galopava e relinchava
numa autêntica euforia.

Corria, corria, corria, corria,
e de repente estacava,
e novamente corria,
corria e espinoteava
numa doida correria.
E cada vez que corria,
e em cada volta que dava,
sua crina se agitava,
se espargia e sacudia
num jeito que se diria
ser assim que lhe agradava,
ter prazer no que fazia.
E o cavalinho corria,
corria sempre, corria,
na senda que rescendia
na manhã do laranjal.
O solo fofo gemia.
Brandos, os ramos teciam
acenos de ritual.
Tenros, os pomos tremiam
no compasso musical.

Sobre a garupa de neve,
abraçado ao seu pescoço,
eu era uma pena leve
soprada com alvoroço.

Se ele corria, eu corria,
se ele saltava, eu saltava,
tudo quanto ele fazia,
todas as voltas que dava,
tudo, tudo eu repetia,
na mesma doida euforia
que cansava e não cansava.

Mas que lindo cavalinho!
A sua crina macia,
loira de barbas de milho,
deixava um estendal de brilho
na senda que percorria.
Apetecia mexer-lhe,
sentir-lhe o fofo e o calor



daquela crina macia
que agitava e sacudia
como um doirado vapor,
Mas que lindo cavalinho!
Meu amor!

Não tinha sela nem brida,
nem cabeçada nem freio,
nem qualquer espécie de arreio
que lhe ofendesse a nudez.
Era um ser vivo total,
um emaranhado de vida
num gozo todo animal:
crina de loiro brunida,
corpo de branco cendal,
cascos de ágata polida,
ferraduras de cristal.

Mas que lindo cavalinho!
Senti-lhe o bafo cheiroso,
o tumulto harmonioso
do trote das nédias anças.
Chamei-lhe os mais lindos nomes;
flor de nata, lua cheia,
flocos de espuma na areia,
poço de camélias brancas.
Beijei-lhe o focinho ardente,
mordisquei-lhe o corpo nu.

(Que eu sabia, intimamente,
que o cavalinho eras tu).

ANTÓNIO GEDEÃO
Teatro do Mundo



O SEDUTOR

Desenho de João Abel Manta, publicado no nº. 18 do Almanaque (maio de 1961)

A Obra Prima do Mestre ou A Prima do Mestre de Obras?

Ferrer Asturiano

Com este título, um pouco deselegante e até vulgar, mas sem intenções ofensivas, pretendemos demonstrar como, utilizando as mesmas palavras, se podem significar ideias muito diferentes e até opostas.

O assunto é a antiga escola primária. Com o seu telhado de amianto.



Inevitavelmente, temos de fazer, mais uma vez, um pouco de história.

A Obra Prima do Mestre

Na reunião pública da Câmara, a 20/5/2019, reportada no nosso jornal nº.1, afirmava a Senhora Presidente da Câmara:

“... Já estamos em conversações com o GIRA no sentido de reverter aquilo que foi a concessão.”

“... O GIRA, manifestamente, não tem capacidade para levar avante aquele projeto, nem sequer para fazer a contrapartida dos apoios que pediu.”

“... e portanto, neste momento, estamos, exatamente, em conversações com eles para a reversão dessa concessão, desse direito de superfície.”

E, na reunião pública de 4/11/2019 (também reportado no nosso jornal nº. 3), em resposta ao nosso presidente da direção:

“... relativamente à antiga escola primária, ainda esta semana, como sabe havia também uma cedência, um direito de superfície, e também não é de um dia para o outro, e era, de facto, preciso contactar a entidade. Tenho a indicação que, inclusivamente, é ainda durante esta

semana, ou a semana que vem, que haverá uma reunião final com a entidade sobre o futuro a dar à antiga escola. Reconhecendo nós que, e já o disse, disse-o em Maio, volto a dizer aqui, reconhecendo nós que não faz sentido aquelas instalações estarem naquele estado e sem futuro à vista.”

Ignoramos o que se terá passado na dita “reunião final”. Desde essa altura até hoje a Câmara nada nos informou sobre esta questão, ou qualquer outra das várias que continuam em aberto – arranjo das ruas Lourenço Pires de Távora e dos Capuchos, E.N. 10-1, etc. Também é verdade que, no início deste ano, entrámos em período de confinamento obrigatório, devido à pandemia, pelo que julgamos que a Câmara teria, naturalmente, outras prioridades. Mas, que se terá passado, realmente?

A Prima do Mestre de Obras

Em 12/5/2020 recebemos do GIRA um email comunicando que, **com o apoio da C.M.A.**, a retirada do telhado de amianto da antiga escola tinha sido adjudicada a uma empresa (que não identificava).



Estranhando o silêncio da Câmara e o surpreendente ressurgimento do GIRA, fomos procurar (nos sites da Câmara e do

GIRA) algo que nos fizesse entender o que se estava a passar. Eis o que encontramos:

A 20 de Maio deste ano a CMA e o GIRA assinavam um **protocolo de colaboração** para a implementação de uma Residência de Suporte à Autonomia. Na ocasião, a Presidente da CMA afirmou que este projeto é *“uma resposta essencial e mais próxima das pessoas e que, no contexto atual, importa continuar a avançar na defesa dos que mais precisam”*.



No dia seguinte o GIRA afirmava, sobre o mesmo assunto:

“Hoje foi um dia de grande entusiasmo e concretização de um sonho da GIRA. Foi assinado o contrato de arrendamento de um apartamento no concelho de Almada para o funcionamento de uma Residência de Suporte à Autonomia (RSA) para pessoas com doença mental. O nosso agradecimento à Câmara Municipal de Almada pelo grande apoio que tem dado para realização deste projeto.”

Prosseguindo no site do GIRA, foi com grande surpresa que verificámos que, no seu Plano de Atividades e Orçamento para 2020, numa rubrica intitulada **“Apoio à construção da Casa dos Capuchos”** figura uma contribuição da Câmara com uma verba de **90.000 euros**.

Julgamos estar já justificado o título que demos a este artigo...

Em que ficamos?

Não está em causa o quão meritória será a atividade do GIRA. Afinal trata-se duma IPSS. Mas o que parece estar em causa é a importância que a Câmara dá (ou não) aos anseios dos seus munícipes, por diversas vezes manifestados.

Recordamos, novamente, o que a Senhora Presidente da Câmara afirmou, sobre este assunto, na Reunião Pública de 20/5/2019:

“... Sim, essa zona está mais do que identificada, as vossas propostas foram ouvidas e tidas em conta.”

Mas, enfim... Embora todos os factos atrás descritos correspondam à realidade e possam ser comprovados, aceitamos, contudo, poder ter cometido algum erro na sua interpretação. Somos os primeiros a desejar estar errados. Veremos..

Acreditamos que existem soluções mais equilibradas para este espaço. Em vez de construir, em plena área residencial, um edifício desta natureza e dimensão – e cujo impacto ambiental, estamos em crer, nunca foi medido – porque não construí-lo noutra dos vários terrenos de que a Câmara dispõe no concelho? Satisfazendo assim os anseios dos munícipes e as pretensões do GIRA.

Pelo nosso lado, Associação de Moradores dos Capuchos, reiteramos o nosso interesse em dispor, neste bairro residencial, de um **jardim público**, munido de um parque infantil (a população dos Capuchos tem vindo, ultimamente, a renovar-se – são já vários os casais jovens com filhos pequenos que para aqui vieram morar) e de equipamentos de ginástica ao ar livre que, não temos dúvidas, seriam agradavelmente utilizados por grande parte da população residente.

Passageiros

Um conto de Paulo Figueiredo

O homem branco de fato escuro, sentado à janela do lugar 66 da carruagem 6 do comboio Viena-Budapeste, decidiu que durante as duas horas e quarenta minutos de viagem não iria pensar em nenhum assunto importante. Não pensaria sequer na maçada de ter que viajar em classe económica por já não haver lugares em Business Class, nem sequer em 1ª classe. Acabou por não ser muito mau, os assentos eram confortáveis e de vez em quando sabia bem misturar-se com pessoas comuns, gozar do anonimato.

Pontualmente, o comboio iniciou a marcha, deixando para trás Viena e rumando a Budapeste. O homem branco de fato escuro fixou o olhar no que via da janela, queria que a mente se focasse apenas nas casas em bom estado, nas ruas ordenadas e limpas, na paisagem campestre que parecia também limpa e ordenada. Havia que esquecer o que, por dever de ofício, viu, cheirou e sentiu durante as semanas anteriores, em lugares onde jamais seria capaz de viver.

Os relógios contaram uma hora de viagem, o homem de pele branca e fato escuro continuava com o corpo no lugar 66 da carruagem 6 e com o espírito errando pelas paisagens verdes e civilizadas. Foi então que reparou que ao seu lado se encontrava um outro passageiro, de fato menos escuro do que o seu, mas com a pele mais escura do que o seu fato. De relance, olhou para o homem negro e regressou à paisagem. Contudo, aquele rosto pareceu-lhe vagamente familiar.

Um solavanco repentino fez com que o passageiro de pele escura deixasse cair uns papéis que foram parar junto aos pés do passageiro sentado ao seu lado. O pequeno incidente obrigou o passageiro de pele branca

e fato escuro a regressar mentalmente ao interior do comboio.

- Peço imensa desculpa – disse o negro, num alemão com sotaque.

- Não tem importância – retorquiu o branco, num inglês sem sotaque, levantando-se para facilitar a recolha dos papéis. Ao olhar para o chão, reparou num pequeno cartão que conhecia bem; era um dos seus cartões de visita, do escritório de advogados Fonseca e Associados. Ele mesmo era o Fonseca que constava no cartão.

- Fala inglês? – perguntou Fonseca.

- Sim, porquê?

Fonseca tirou do casaco um cartão de visita e um documento de identificação e mostrou-os.

- Diogo Fonseca, sou o sócio maioritário deste escritório.

O homem negro retribuiu o gesto, estendendo-lhe também um cartão de visita.

- Laurent Mobutu. Sou empresário, tenho uma carteira de negócios diversificada e em tempos fui político profissional.

Fez uma pausa muito breve e continuou:

- É provável que nos tenhamos cruzado há duas semanas em Kinshasa. Uma das minhas empresas contratou os vossos serviços e desloquei-me até lá para ter a certeza de que não haveria obstáculos de última hora, eu sou congolês e sei como as coisas funcionam por lá, cheguei mesmo a ser ministro do governo da República Democrática do Congo.

- Em nome da Fonseca e Associados

agradeço a sua preferência. Não vive lá, então?

- Não, claro que não, vivo na Europa – e ri ao de leve.

- Vejo que também só conseguiu lugar em económica. É uma coincidência interessante.

Laurent Mobutu exibiu, então, um convite personalizado, com uma risca diagonal vermelha brilhante, sobre fundo escuro.

- Refere-se a esta coincidência?

Fonseca teve vontade de rir, mas ficou-se por um largo sorriso e foi a sua vez de exibir também um convite personalizado, com o mesmo fundo e a mesma diagonal vermelha brilhante.

O comboio parou na primeira estação em território húngaro. Os dois lugares em frente ao advogado e ao empresário ficaram vagos e logo foram ocupados por dois homens. Um dos novos passageiros sentou-se em frente a Laurent Mobutu e dirigiu a este um sorriso, talvez por estar em frente a um irmão de raça, por sinal bem vestido, é sempre bom ver um negro de sucesso. O empresário congolês retribuiu com um esgar, não lhe pareceu que o recém-chegado pudesse possuir convites com riscas brilhantes ou sequer cartões de visita, o sorrisinho servil e a roupa barata faziam-lhe lembrar os seus empregados.

Nem o outro passageiro recém-chegado de pele muito branca, nem António Fonseca trocaram quaisquer cumprimentos. Fonseca mirou o homem ainda mais branco do que ele e concluiu que não merecia qualquer atenção; ocorreu-lhe até que Mobutu pensasse o mesmo do negro à frente dele sentado, já que tinha em comum com o branco-mais-que-branco o mesmo nível pindérico no vestir.

Meia hora de viagem se passou. O branco recém-chegado lia um jornal em língua

inglesa. O negro recém-chegado olhava de relance para o jornal e o pouco inglês que sabia deixava-o pouco à vontade, aqueles artigos não eram simpáticos para gente como ele, pobre ou rica.

Para se abstrair do conteúdo do jornal, meteu a mão num bolso do casaco, retirou uma carta manuscrita que o fez sorrir, agarrada a documento que o identificava como sendo um congolês de nome Habib. Um repentino solavanco fê-lo deixar cair a carta para junto aos pés do passageiro do lado.

- *You stupid nigger*, não és capaz de segurar uns papéis como fazem as pessoas?!

Podia não saber muito de inglês, mas *nigger* sabia muito bem o que era. Numa fracção de segundo, um tsunami de anos de humilhação recalcada inundou-lhe a mente, cegou-o, e o punho direito aterrou na cara do branco, deixando-lhe o nariz a sangrar.

Em menos de nada, uma cena de pugilato entre os dois homens fez com que a polícia entrasse no comboio assim que este chegou a Budapeste, pondo fim ao combate.

- O que aconteceu aqui? - interrogou o polícia, em húngaro, num tom de voz quase grito. E voltou-se para Laurent.

Laurent Mobutu olhou para o polícia. O leve ar de desprezo, o fato *Versace* e o tempo que Mobutu levou para responder, deixaram o agente da autoridade algo intimidado.

- Este indivíduo agrediu o passageiro do lado – respondeu em alemão e apontou para Habib.

O polícia entendeu e o pobre negro arregalou os olhos.

- Ele chamou-me *stupid nigger*, ele lê jornais racistas, ele provocou-me!

Um rio de lágrimas de raiva, incredulidade e desilusão desaguou-lhe no rosto. Um grito de desespero saiu-lhe lá do fundo:

- Tu viu que foi ele! Tu também é negro! Somos irmão! Eu sou emigrante, nunca fiz mal a ninguém, preciso de trabalho, para alimentar minha família! Não posso ser preso!

Só Laurent falava francês, só ele entendia o pobre homem. Voltou-se para o polícia:

- Ele chama-me irmão, mas não tenho irmãos, nem o conhecimento de lado nenhum.

A polícia desceu do comboio com os dois desordeiros, os gritos do negro a ouvirem-se em toda a estação.

Ao final da tarde, dois elegantes passageiros do comboio Viena-Budapeste dirigiram-se à recepção do Hilton Budapeste. Após obterem as informações necessárias, aguardaram calmamente no átrio do hotel. Não tiveram que esperar muito para que na sua direcção viesse uma bela mestiça oriental.

- Os vossos convites, por favor.

Os dois homens exibiram cartões com risca vermelha brilhante.

- Liu Jones, podem tratar-me por Liu.

Os três encaminharam-se para um dos quartos do hotel. Um homem alto de rosto inexpressivo aguardava-os dentro do quarto.

- Boa tarde, András Nagy, do governo da República da Hungria - saudou-os num inglês carregado de sotaque.

A porta do quarto esteve trancada por um tempo que parecia não ter fim. Por fim, abriu-se após o contrato ter sido assinado por todos os interessados.

- É estranho que pessoas como nós, eu e o senhor Mobutu, acabarmos de assinar um contrato tão oneroso com um governo que parece não gostar de estrangeiros e emigrantes – comentou Liu.

- Os senhores não são emigrantes e os

superiores interesses da Hungria é que definem quem é estrangeiro e quem não é – rematou o membro do governo húngaro com um sorriso aberto enquanto guardava um gordo envelope num dos bolsos das calças.

- Mais uma vez a vossa firma correspondeu às expectativas – comentou Laurent, virando-se para Fonseca.

- Muito obrigado, a satisfação dos clientes é também a nossa.

Os quatro entraram no bar do hotel, sentaram-se e pediram bebidas.

A TV do bar estava sintonizada num canal de notícias, ao qual ninguém prestava atenção até ao momento em que imagens de motins raciais surgiram no écran, numa altura em que os protestos atingiam um clímax de violência. Um dos manifestantes afirmava, num estado de grande medo e stress:

- Isto é horrível, porquê este ódio? Todos nós partilhamos o mesmo ADN!

Contrastando com as imagens na TV, um colorido grupo de mulheres tinha dado entrada no átrio do hotel.

A empresária oriental chegou-se para junto do empresário, do advogado e do funcionário governamental e em voz baixa disse:

- As nossas amigas acabaram de chegar. Depois de partilharmos valor com um excelente negócio, está na altura de partilharmos ADN, não acham? Mandei reservar a suite presidencial.

Os signatários do contrato e as mulheres acabadas de chegar, formavam um belo grupo de gente de todas as raças e tons de pele; o grupo tomou o elevador, entrou na suite e deixou o mundo do lado de fora.

Capuchos, 29 de Agosto de 2020

Paulo Figueiredo

Vamos tratar da saúde

Vacinas

Por **António Barbosa** (Médico de Otorrinolaringologia)

Modo de Acção.

Abordamos hoje o tema das vacinas, pois ele se tornou tema de actualidade, devido à Pandemia, que vivemos, da Covid19.

Procuremos então qual o papel das vacinas na prevenção de doenças e, em alguns casos, como adjuvante do tratamento.

As vacinas são preparados biológicos que fornecem ao organismo imunidade activa em relação à doença para a qual são preparadas. Uma vez “aplicadas”, o sistema de defesas do organismo (sistema imunitário) é estimulado no sentido de formação de anticorpos e são estes que nos dão imunidade activa.

Princípios que se têm em conta na preparação de uma vacina.

Os dois parâmetros fundamentais a que uma vacina tem que obedecer são a **EFICÁCIA** e a **TOLERÂNCIA**.

Assim, uma vacina tem que se mostrar capaz de estimular o sistema de defesas do organismo no sentido de desenvolver anticorpos em qualidade e percentagem suficientes para (em caso de contágio) evitar a doença ou, se não a evitar totalmente, tornar a sintomatologia

do doente mais ligeira e assim mais facilmente controlável. Se tal se comprovar a vacina cumpre um dos princípios: é **EFICAZ**.

Já no que se refere a segurança teremos que nos certificar que a inoculação da vacina não é causa de efeitos acessórios significativos nem de reacção grave que a possa tornar mais prejudicial do que a própria doença que pretendemos prevenir. Se tal se verificar a vacina cumpre o 2º. parâmetro: o da **TOLERÂNCIA**.

De referir ainda que algumas vacinas conferem ao vacinado protecção total e assim este não vai sofrer da doença. Outras, contudo, não conseguem proteger totalmente da doença mas protegem para as suas formas mais graves dando um quadro da doença atenuado.

Tipos de Vacinas

1 – **Vacinas inativadas** – São vacinas em que o micro-organismo que serve de base à sua preparação é morto por acção de agentes químicos e não tem capacidade de provocar doença no indivíduo inoculado. Pertencem a este grupo a maioria das vacinas do PNV (programa nacional de vacinação).

2 – **Vacinas atenuadas** – também são chamadas vacinas vivas. Nestas o micro-organismo é obtido a partir de um indivíduo ou animal infetado e o seu poder infetante é diminuído, ele mantém capacidade para se multiplicar no inoculado, contudo sem provocar doença, mas induzindo no indivíduo a formação de anticorpos. Este tipo de vacinas são, normalmente, de dose única, dando imunidade para toda a vida. É o caso, por exemplo, da BCG.

3 – **Vacinas produzidas por recombinação genética** – vacinas preparadas com utilização de métodos mais recentes de biologia molecular e engenharia genética, como é o caso das vacinas contra a hepatite B e contra o papiloma vírus humano.

Em resumo do que até aqui foi dito, vacinas são preparados biológicos que, inoculados no indivíduo, induzem o seu sistema imunitário a formar anticorpos capazes de impedir ou atenuar a respetiva doença. As vacinas devem obedecer a dois critérios fundamentais: EFICÁCIA e TOLERÂNCIA.

Preparação de Vacinas

A preparação de uma vacina é um processo longo e rigoroso o qual tem que seguir, necessariamente, várias fases, a saber:

1 – Identificação e isolamento do agente infetante obtido a partir de indivíduos infetados.

2 – Cultura e desenvolvimento desses micro-organismos que serão utilizados

como um todo (ou fragmentados). Neste caso, desde que mantenham a capacidade de, no indivíduo inoculado, suscitar a formação qualitativa e quantitativa de anticorpos capazes de impedir que o indivíduo adoça. Esta é a fase biológica do processo.

3 – Uma vez terminada essa fase, segue-se a fase de testes. Inicialmente efetuada em animais de laboratório com alguns recetores celulares semelhantes aos do homem. Pretende-se verificar se esses animais desenvolvem anticorpos eficazes, em percentagem e qualidade suficientes para evitar ou minorar a doença e não provocam ações acessórias relevantes.

4 – Caso se verifique a eficácia e segurança da vacina poderá passar-se à fase seguinte, o ensaio em humanos. Inicialmente testando em pequenos grupos de voluntários. Se esse primeiro ensaio se mostrar negativo passar-se-á ao ensaio em grupos mais alargados (algumas centenas), até chegar, se tudo correr bem, ao ultimo estágio da prova, este já com milhares de inoculados.

Salientamos, contudo, que entre as várias etapas dos ensaios terá que decorrer tempo suficiente para excluir ações indesejáveis que possam surgir a longo prazo. Por tal motivo, o tempo de preparação de vacinas até que surjam aprovadas pelas autoridades de saúde competentes e se inicie a sua produção e utilização em “massa” é, necessariamente, longo.

FREI FORTUNATO E FREI SIMPLÍCIO

Os telhados de amianto



O "ARRIBA" é propriedade e edição da [Associação de Moradores dos Capuchos](#).

Publicação trimestral gratuita. Distribuição por e-mail.

Contactos: <https://sites.google.com/site/amoradorescapuchos/>

Facebook: <https://www.facebook.com/AMC-Associação-de-Moradores-dos-Capuchos-426610328116880/>

E-mail: associacaomoradorescapuchos@gmail.com